

Mediações possíveis entre a medicina e a mídia: análise da série Grávidas, do Fantástico¹

Sarita Bastos Costa². Orientador: Prof. Doutor Francisco Gonçalves da Conceição – UFMA

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Resumo

Este artigo analisa a série Grávidas, exibida pelo programa Fantástico (Rede Globo) em 2003 e apresentada pelo Dr. Dráuzio Varella. O objetivo é lançar as bases para uma investigação mais ampla sobre as interações entre o discurso médico e mediático e compreender como o saber especializado e legitimado do campo da medicina é combinado com o saber da prática discursiva do gênero televisivo. O trabalho é permeado pela análise da interface entre os campos da medicina e dos media.

Palavras-chave

Campos Sociais; discurso médico; discurso mediático.

Introdução

A programação televisiva brasileira oferece espaços em diferentes horários e formatos para o tema da saúde. Vozes de diversas instituições sociais fazem ecoar seus discursos a respeito desse tema. Nesse espaço polifônico, destacam-se as falas autorizadas do campo da medicina como marco explicativo sobre doenças e formas preventivas.

Este fenômeno engendra questões sobre os recursos e os efeitos de sentido da combinação de discursos diferentes na constituição de novos e complexos discursos e aponta para um problema específico de investigação, exposto no presente artigo: a compreensão da dimensão interacional entre o campo da medicina e o campo dos *media* observada em produções midiáticas caracterizadas pela presença da orientação médica. Para tanto, faremos uma análise inicial da série Grávidas, exibida em 2003 e apresentada pelo Dr. Dráuzio Varella no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão.

A série é ilustrativa de produtos midiáticos em que médicos conjugam o saber especializado e legitimado do campo da medicina com o saber da prática discursiva do gênero televisivo. Esse jogo interdiscursivo é fundamental para o processo de “didatização” da comunicação de temas relacionados à saúde.

Nota-se que o trabalho é permeado pela análise da interface entre os campos da

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, na sessão nº 5: Mediações e interfaces comunicacionais.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social em habilitação Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão. saritabastos@gmail.com

medicina e dos *media*. Para tanto, apresenta-se os referenciais traçados por Adriano Duarte Rodrigues para a conceitualização de campos sociais. Este embasamento será norteador para compreendermos como a relação médico-paciente é deslocada do espaço privado e institucionalizado da clínica para a dimensão pública do cenário dos meios de comunicação de massa.

2. Campos sociais

Há cerca de trinta anos, a *Philips* fazia a publicidade de seus aparelhos de TV anunciando-os como “janela para o mundo”. A metáfora, que afirmava que o telespectador pudesse ver o mundo através da telinha, serve também para ilustrar a progressiva constituição dos meios de comunicação de massa em espaço de visibilidade e mediação dos campos sociais. Na perspectiva de RODRIGUES, entende-se por campo social:

“(…) uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio específico da experiência” (1999:23).

Nota-se, por meio dessa definição, que a expressão campo social se refere muito mais a um sentido tensional, oriundo da Física, do que a um sentido espacial. A idéia de campo de forças e sua natureza tensional seria mais adequada para explicar o confronto gerado no processo de “autonomização” das várias áreas do conhecimento que passam a ser denominadas de campos sociais.

Rodrigues indica a gênese desse processo a partir do século XIII, na civilização ocidental, tendo se acelerado e alastrado para os outros continentes no século XVII. Observa-se que o campo da medicina é um dos primeiros a demarcar seus limites em relação aos demais campos.

“O domínio da saúde, da gestão dos valores da vida, e do direito, da gestão dos valores da política, contam-se entre os primeiros domínios a conquistar, já no século XIII, a sua autonomia, instituindo-se como campos sociais dotados de autonomia em relação ao campo religioso” (Rodrigues, 1999: 22).

Se a autonomia é marcada pela reivindicação de ruptura com a ordem totalizante da religião, a atualização desse processo ocorre por meio das contínuas ações legitimadoras das funções discursivas e pragmáticas em cada domínio específico de competência. Cada campo possui modos de dizer e de fazer próprios. Os modos de dizer estão relacionados à competência legítima para enunciar princípios, valores e regras próprias dos campos, os quais passam a ter rotinas específicas de produção, circulação e consumo de textos, um processo

que pode ser entendido como práticas discursivas (FAIRCLOUG, 2001)³.

Os sujeitos que detêm legitimidade simbólica e pragmática constituem o corpo social de um determinado campo. Eles podem compreender os enunciados destinados aos próprios membros da instituição, práticas discursivas que, segundo Rodrigues, se referem às modalidades de discurso esotérico. Em oposição a esta modalidade, destaca-se a dimensão exotérica, constituída de enunciados não reservados ao corpo institucional, mas a todos, indiscriminadamente.

A natureza exotérica é própria do discurso mediático. A metáfora da *Philips*, citada no início deste capítulo, é ilustrativa dessa dimensão discursiva, que está na base da configuração dos meios de comunicação de massa como espaço intermediador entre os vários campos sociais. A consequência desta função mediadora é a constituição de um campo social autônomo, que desempenha papel estratégico ao garantir a visibilidade e reforçar a legitimidade dos demais campos.

3. Comunicação e saúde: o discurso médico mediatizado

Saúde, a gente vê por aqui! Esta afirmação é um slogan da Rede Globo de Televisão quando anuncia os espaços destinados ao tema da saúde em sua grade de programação. De fato, é comum na televisão brasileira a presença de profissionais de saúde de especialidades diversas difundindo cuidados com o corpo, principalmente quando algum fato vinculado ao tema é notícia na mídia, tal como epidemias ou descobertas do campo científico. Na área de Ciência e Tecnologia, a expectativa da audiência está direcionada, sobretudo, para os temas de medicina e saúde. Um dos fatores dessa alta valorização é a capacidade dessa temática interpelar a vida cotidiana do público e oferecer um proveito pragmático (POLINO e FAZIO, 2004).

Quando a comunicação de temas relacionados à saúde é pensada para âmbitos de recepção que ultrapassam as fronteiras que são próprias dos campos sociais que detêm a competência legítima, como o da medicina no espaço privado da clínica, é necessário um processo de “didatização” dos enunciados, que supere a modalidade esotérica. Podemos compreender essas articulações por meio da seguinte comparação entre o discurso médico e mediático:

³ Norman Fairclough utiliza a expressão práticas discursivas para se referir a essas rotinas específicas de produção, circulação e consumo textuais próprias de instituições, organizações ou sociedades particulares. Além disso, utiliza “prática discursiva” em seu método de análise tridimensional de discurso: texto, prática discursiva e prática social. Como dimensão analítica, Fairclough destaca que prática discursiva “especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discursivo e como elas se combinam” (2001: 22)

“(...) o discurso médico tende a criar e impor não só um vocabulário e regras sintáticas próprias, mas também formas simbólicas esotéricas da sua expressão e da sua difusão. É por isso que o discurso médico é relativamente incompreensível e opaco para os que não são detentores da legitimidade de intervenção expressiva e pragmática no seu domínio específico de experiência, para aqueles que não fazem parte do seu corpo legítimo. (...) A experiência da medicina também tem obviamente acesso ao discurso midiático, uma vez que este também se apropria de uma parte da sua simbólica médica, enquanto prática discursiva transversal às outras modalidades de discurso. Mas, ao apropriar-se dela, o discurso midiático tende a torná-la transparente e universalmente compreensível, em função da natureza exotérica de seu funcionamento” (Rodrigues, 1997:221).

A publicização dessas informações de interesse público reforça a legitimidade de cada campo envolvido nesse processo de mediação. Já vimos que é próprio do campo dos *media* recorrer a enunciações dos outros campos, se legitimando como espaço privilegiado de visibilidade das instâncias sociais. Este fenômeno acelera a tendência para as tecnologizações dos discursos. Na fundamentação dessas práticas, Fairclough destaca:

"Ao denominá-las tecnologias de discurso, quero sugerir que na sociedade moderna elas têm assumido e estão assumindo o caráter de técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para perseguir uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos contextos. As tecnologias discursivas são cada vez mais adotadas em locais institucionais específicos por agentes sociais designados" (2001: 264).

A rearticulação das ordens de discursos (Foucault, 1996) do campo da medicina atende também ao objetivo de reforçar, no espaço especular dos *media*, sua legitimidade e competência no que concerne ao poder de dizer e de fazer sobre o corpo humano. Isto porque, além de fontes, os profissionais de saúde, principalmente médicos, passaram a ocupar espaços fixos em alguns canais de Tv que dedicam boa parte da programação das manhãs e começo da tarde a programas popularmente conhecidos como programas femininos, chamados também de magazines ou revistas eletrônicas em que existem seções permanentes sobre saúde. Isto requer a transformação da linguagem hermética, uma questão que perpassa a dimensão universalizante da prática discursiva do campo dos *media*.

Em um estudo sobre como a menstruação é representada na mídia, NATANSOHN (2005) realiza um importante discernimento quanto aos discursos sobre a saúde mediatizados:

“(...) o discurso do médico é uma confluência de saberes científicos e de outros saberes provenientes da prática clínica e da doxa, saberes e práticas nem sempre convalidados pelo campo científico e acadêmico. Nem o discurso da televisão (do programa) é equivalente ao discurso do médico, nem este é equivalente ao da ciência. O discurso do médico, aqui, está mediado pelas regras do dizer televisivo, que operam no sentido de traduzir o aspecto especializado do saber médico-científico, naturalizar (e reforçar) sua dimensão pragmática (se aconselha e orienta), reforçar sua legitimidade e moderar sua conflitividade” (2005: 301)

Os campos sociais são marcados por essa alteridade. A independência alcançada pela

constituição de um espaço autônomo não implica o isolamento. Essas interações sociais podem ser observadas no jogo interdiscursivo supracitado. Bakhtin definiu como dialogismo essa rede interativa de vozes. A dimensão relacional dos campos sociais se traduz na constituição relacional dos discursos.

4. A interface entre os campos na série Grávidas.

Para identificarmos como o saber especializado e legitimado do campo da medicina é combinado com as práticas discursivas dos *media*, destacamos a série Grávidas, exibida entre os anos de 2002 e 2003 e apresentada pelo Dr. Drauzio Varella no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão.

A série foi apresentada como um quadro especial em um formato próximo ao documentário. A série Grávidas teve 22 episódios exibidos no programa. O Dr. Drauzio Varella era o apresentador e se confundia com repórter ao acompanhar a gravidez de cinco mulheres com histórias de vida bem diferentes. O formato de documentário possibilitava o uso intenso de imagens e animações que tornassem mais didáticas as informações próprias do discurso da medicina. Além disso, a série apresentava imagens dos ambientes internos de clínicas e hospitais, ao documentar as consultas das personagens com seus respectivos médicos.

Em Grávidas, a relação apresentador-fonte se confunde com a relação médico-paciente. Em um episódio exibido no dia 03 de fevereiro de 2003, sobre a importância do pré-natal, destacamos indícios dessa combinação:

"Hoje você vai acompanhar um momento que pode determinar o sucesso de uma gravidez. Para isso, lá em Iranduba, no Amazonas, Alcineide venceu aquela preguiça típica da gestação. A paulistana Michele, grávida aos 15 anos, pediu a companhia da mãe. Mara, carioca, quer descobrir com o marido os cuidados de uma gestação depois dos 40. Já Ana Rita deixa o marido Luciano em casa e vai sozinha, na maior tranquilidade. E Marta, de Guarulhos, está determinada. Vai vencer a pressão alta que a fez perder dois bebês. Muitas mulheres acham que o pré-natal se resume a exames de sangue e ultrassons. Mas o pré-natal é muito mais do que isso! É muito importante que o médico examine o abdômen da mulher grávida, controle a pressão, a presença de inchaço, o aumento de peso e oriente a alimentação" (off do apresentador).

Em outra intervenção do Drauzio Varella, torna-se mais evidente o que poderíamos chamar de um "discurso prescritivo":

"Com um mês de idade, já se nota o esboço do olho, que, agora, ainda é apenas um pontinho preto. Nessa fase, o embrião é minúsculo, mede quatro milímetros, o tamanho de um grão de arroz. A partir do sangue coletado, vão ser feitos os exames obrigatórios do primeiro trimestre da

gravidez. (...) O hemograma, para detectar anemia. Testes para sífilis e AIDS. O exame para tipagem sanguínea, o de glicemia, para identificar o diabetes, e os exames de urina e fezes” (off do apresentador).

O que temos que levar em consideração é que os efeitos de sentido dos trechos destacados estão vinculados ao lugar institucional que confere legitimidade ao apresentador: a medicina. A autoridade desse discurso depende do reconhecimento social (BOURDIEU, 1996). Nesse sentido, e sob uma perspectiva inicial, podemos identificar no Drauzio Varella a antiga figura do médico da família, que acompanha a gravidez das personagens, inclusive no espaço privado da casa. Contudo, cabe ressaltar que, no programa, esta prática médica que insere o paciente em seu contexto sócio-histórico também é orientada para a projeção no campo mediático. Embora o protagonista da ação seja um médico, a interação descrita não pode ser definida como prática da medicina.

“A prática médica televisada (...) se reveste de outras qualidades, de outro estatuto: trata-se de uma prática textual polifônica, realizada através dos recursos típicos da linguagem audiovisual, na qual participam várias vozes (apresentadores, médicos, produção, telespectadores), cujas principais funções são pragmáticas e performativas. Pretende-se saber, ensinar, institucionalizar um saber que nem sempre é científico, mas que participa dos critérios de autoridade do saber científico, legitimar e, ainda, manter a atenção do público, contatar a audiência. Distancia-se da prática clínica tradicional porque tanto médicos quanto ‘tele-pacientes’ adquirem uma visibilidade em um cenário particular, o da esfera midiática, nem completamente pública, nem completamente privada. Não se trata, simplesmente, de um encontro médico-paciente mediado tecnicamente, mas de um encontro coletivo no marco de um espaço semi-público.” (NATANSOHN, 2005: 302)

Destaca-se, nesse processo, uma instância de interlocução fundamental: o público. É em vista do público que é necessária a didatização e o uso de tecnologias discursivas. Observa-se como a metáfora é utilizada neste outro momento do mesmo episódio:

"No começo da gravidez, a mulher nem percebe que já carrega um embrião. A barriga está longe de aparecer. Dentro do útero, já na segunda semana, o embrião é comprido, mais parece uma cobrinha. Na parte de cima está começando o que será o cérebro. A união entre o embrião e a placenta, através da qual ele receberá os alimentos" (off do apresentador).

O uso destes recursos é fundamental para a projeção no espaço mediático. Cabe ressaltar as características do programa em que a série foi veiculada para compreendermos melhor a dimensão dessas tecnologias discursivas. O programa Fantástico é exibido no horário noturno de domingo e está no ar desde 05 de agosto de 1973. "O Fantástico nasceu com uma proposta diferente: uma mistura de jornalismo, humor e música. Uma composição que ganhou ar de revista semanal com formato eletrônico" (CONSOLO e GIOLO, 2004: 34).

O destaque para essa variedade também é assumido pela produção do programa, em

sua página na internet:

"O jornalismo passou a ganhar importância nas noites de domingo. Riso, drama, sexo, misticismo, guerra, amor, ciência... Tudo podia ser Fantástico se estivesse baseado na informação. Só havia uma proibição: usar uma linguagem difícil nas reportagens científicas" (<http://fantastico.globo.com>).

Esta condição evidencia a modalidade exotérica do discurso mediático. Sobre esta característica do programa, GUIMARÃES e BARRETO fazem um importante registro:

“Somente para citar um exemplo, fora do programa, as informações científicas, bem como as acadêmicas, são geralmente explicitadas em uma ordem do discurso hermética que permite a apenas algumas pessoas o acesso aos termos (vocabulário), à forma de coesão textual (conectivos e conjunções no mesmo campo semântico e sinônimos próximos) e à estrutura textual da respectiva área de conhecimento. No entanto, no programa, as informações científicas são veiculadas numa ordem do discurso diferente. O texto das reportagens usa vocabulário, conectivos e possui estrutura textual mais acessível e popular. Em outras palavras, procura informar usando “linguagem fácil” ou ordens do discurso mais populares. Por exemplo, veicula informações sobre a economia, mas não utiliza o que se convencionou chamar “economês” (2005: 4)

Analisamos essa rearticulação de ordens de discurso nos exemplos supracitados, os quais aproximam a fala oriunda da medicina da fala popular.

5. Algumas considerações

Esta análise inicial tomou a série Grávidas como um ponto de partida para uma pesquisa mais ampla dos processos de mediação de discursos sobre saúde. Identificamos algumas estratégias discursivas que possibilitam a mediação entre os discursos médicos e mediáticos tendo em vista a didatização da comunicação de temas relacionados à saúde.

O aprofundamento da investigação dessas estratégias discursivas torna-se relevante para a compreensão de uma prática discursiva que se estende para a vida social contemporânea. Além disso, acrescenta informações específicas para o conjunto de estudos mais amplos sobre os processos de rearticulação e mudança nos eventos discursivos.

O deslocamento do campo médico na produção de programas para a saúde é operacionalizado por formas de tecnologização do discurso que articulam as diversas instâncias de interlocução. Os produtos comunicacionais resultantes dessa reestruturação podem precipitar mudanças nas instâncias sociais que participam das etapas de produção, circulação e consumo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CONSOLO, Grasiela Fernandes; GIOLO, Suzan de Fátima. **O segredo da colcha de retalhos onde cabe tudo: é Fantástico**. 2004. 115 p. Monografia (Bacharel em Comunicação Social). Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 15. ed. São Paulo: Graal, 1988.

GRÁVIDAS. Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,IT9-3994,00.html>
Acesso em: 15 jan. 2006

GUIMARÃES, Gláucia Campos; BARRETO, Raquel Goulart. **A tecnologização dos discursos midiático: o Fantástico nas eleições**. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br> Acesso em: 16 de fev. 2006.

NATANSOHN, L. Graciela. **O corpo feminino como objeto médico e mediático**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFH/UFSC, v. 13, n. 2, 287 – 304, maio–agosto/ 2005.

POLINO, Camelo; FAZIO, Maria Eugênia. **Medicina en la prensa y percepción pública de la actividad científica. Convergencia entre oferta y demanda de información**. Disponível em: <http://www.comunicasaude.com.br> Acesso em: 15 fev. 2006

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Editora Presença, 1990.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “Delimitação, natureza e funções do discurso midiático”. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio D. (Orgs.). **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997. p. 217 – 233.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/texto.php?html2=rodrigues-adriano-expcampmedia.html> Acesso em : 15 fev. 2006